

MARCHI, Cesare. Grandes Pecadores, Grandes Catedrais.
São Paulo: Martins Fontes, 1991.

*Edlaine de Campos Gomes**

Cesare Marchi propõe em seu livro uma redescoberta da Idade Média através de uma viagem pela história de quinze das mais famosas e belas catedrais européias, num estudo que envolve investigação jornalística e pesquisa em arquivos e bibliotecas. Ele constrói sua narrativa mesclando dados históricos com trabalho de campo, fato que leva o leitor a se inserir no fascinante resgate dessas obras de arte e de uma época quase sempre vista como obscura, a “idade das “trevas”. O livro é apresentado em quinze capítulos correspondentes as quinze catedrais escolhidas: Bolonha, Chartres, Colônia, Córdoba, Florença, Gênova, Milão, Monreale, Nápoles, Paris, Roma, Sevilha, Veneza, Verona e Viena. Muitas curiosidades, místicas ou históricas, dessas cidades/catedrais são resgatadas.

“Numa época em que a casa de Deus era também a cada dos homens”, e apesar das difíceis condições de sobrevivência, as catedrais significavam uma aproximação com a transcendência, com o que há de sublime, com o belo. Assim, MARCHI nos apresenta a especificidade da história da construção de cada catedral num diálogo com a dinâmica das cidades e da política da época, acrescentando a participação ativa das pessoas que efetivamente as construíram, num esforço coletivo, seja com doações em dinheiro ou trabalho.

Ao mesmo tempo em que vamos conhecendo alguns eventos curiosos ocorridos no processo de construção das diversas catedrais, a leitura vai nos mostrando o quanto essas obras estão entrelaçadas com a realidade da época. O surgimento de uma catedral não estava associado apenas à esfera religiosa, ou melhor, todas as esferas da vida estavam sobrepostas e envolvidas com o sentido religioso. Por isso, a aquisição de relíquias era vista tanto pelo seu poder de adoração quanto por seu potencial no jogo das disputas políticas e religiosas. Quanto mais famoso

* Doutoranda em Ciências Sociais/UERJ (e-mail: edlaine_gomes@hotmail.com, Rua Desembargador Pedro Silva 2202, Bl. 8 Apt. 23, Cond. Argus – Coqueiros, Florianópolis/SC. CEP 88080-700. Tel. xx48 - 2480732).

era o corpo do santo adquirido pela cidade/catedral, mais credibilidade e importância elas assumiam, ressaltando que não importavam os métodos utilizados nesse processo. As relíquias podiam vir por bem ou por mal, através de compra, roubo ou traições. Uma mostra disso, como nos mostra o texto, foi a aquisição dos corpos dos Reis Magos para a catedral de Colônia, as relíquias de cinco crianças assassinadas por Herodes, as sandálias de Jesus, trazidas da Terra Santa para São Petrónio.

Vemos que as questões políticas estavam sempre presentes na relação entre catedral e cidade. Como na Catedral de São Petrónio, em Bolonha (1388), que é descrita como uma igreja iluminada durante todo o dia devido a sua localização. Esse fato é relacionado a um rompimento com um costume místico de construir igrejas voltadas para Jerusalém, pois nesta cidade, o único lado disponível para a construção era para o sul. Seus habitantes desejavam construir a maior igreja da cristandade, numa disputa com Roma, que vê-se até mesmo na importância de São Petrónio sobre São Pedro. Ali foi coroado Carlos V, cujas tropas pouco antes haviam transformado a Basílica de São Pedro em estrebaria.

Na verdade, havia uma disputa regionalista para mostrar, através de catedrais cada vez maiores, o potencial de cada cidade. Exemplos disso são as grandes abóbadas: Notre-Dame (1163), com seus trinta e três metros de altura, Chartres (1194), alcançou trinta e seis metros e cinquenta e cinco centímetros, Reims (início do séc. XIII) com seus trinta e sete metros e noventa e cinco centímetros e Amiens com quarenta e dois metros e trinta centímetros. Podemos constatar que alguns desses projetos não foram adiante, como em Bolonha.

O autor aponta essa disputa como a grande “cruzada das catedrais”, movida por um certo “orgulho arquitetônico” impulsionado pela verticalidade do gótico, que servia também para contar a história bíblica para os analfabetos, que eram a grande maioria, através das imagens expostas em seus vitrais. Era uma verdadeira “cruzada” que “ampliou o reino de Deus em sentido vertical”. Para se ter uma idéia da importância dessas construções, havia uma igreja para cada duzentos habitantes do Ocidente Cristão. Somente na França foram construídas, oitenta catedrais, quinhentas igrejas e milhares de igrejas paroquiais.

Nessa dinâmica, considerando que a própria época caracterizava-se por intensas reconfigurações políticas, econômicas e geográficas, o desenvolvimento e as transformações nas cidades foram muito significativos já que, para a realização das obras, foram demolidas igrejas menores, mesquitas e casas. O papel dos muçulmanos recebe destaque

nessas mudanças, que vai desde a ocupação de mesquitas, transformadas em catedrais, como Córdoba, até catedrais construídas por muçulmanos, no caso Monreale, que possuíam um grande desenvolvimento tecnológico

A importância das corporações e do trabalho voluntário também é ressaltada. No geral, a construção das catedrais é vista como obra coletiva. Exemplo disso é a catedral da cidade de Chartres (1194) mostrada como uma “exaltação coletiva”, onde pessoas se despojavam de seus bens, doavam seu trabalho, senhores tomavam o papel dos cavalos para transportar os materiais de construção, bispos renunciaram seus rendimentos, entre outros. Sua própria concepção baseava-se no coletivo, pois ela deveria comportar todos os dez mil habitantes da cidade. Um detalhe interessante dessa catedral foi a construção de um labirinto de 294 metros, que percorridos de joelho substituíam a peregrinação à Terra Santa. Nesse mesmo sentido, em Milão (1386), a construção do “Duomo” mostra-se como obra coletiva. Ele pertence a todos como um bem de família. Esse sentimento é tão forte que o imposto cobrado para a realização da obra era cobrado, sem reclamações da população, até 1974, quando passou a ser responsabilidade do Estado.

As corporações estavam fortemente presentes nessas obras. As doações vinham dos advogados, dos nobres, mercadores e meretrizes. Na maioria das vezes a igreja era o único edifício capaz de comportar milhares de pessoas. Um fato comum em quase todas as catedrais era a utilização de seu espaço para reuniões públicas, cuja “intimidade com Deus” ia muito além.

A igreja era o centro da vida do povo, onde “as esferas do sagrado e do profano se justapõem”, várias atividades extra-religiosas ocorriam entre suas colunas. Eram atravessadores, realizando negócios não muito lícitos, casais em encontros proibidos, e conspirações políticas também eram tramadas e consumadas em seus interiores, como nos assassinatos ocorridos em São Estevão, em Canterbury e em Santa Maria Del Fiore.

São muitas as informações que podemos encontrar nesse passeio jornalístico pelas quinze catedrais proposto por Cesare Marchi. Quando as observamos, através de fotos ou visitas, elas poderiam parecer monumentos estáticos, eternizados em sua grandiosidade e beleza. Mas a monumentalidade dessas obras está no que há de permanente, na dinâmica existente nas diversas relações que perpassaram suas construções e se perpetuam até nossos dias. Elas passaram por guerras,

pestes, revoluções. Serviram como salão de encontros políticos e amorosos, hospedaria, enfermaria e estroberia, como na Revolução Francesa, acompanhando e compactuando com os acontecimentos históricos. Muitas delas continuam inconclusas, com suas fachadas esperando para serem concluídas pelas novas gerações, ou não, pois “sua unidade de medida é o milênio”. Por isso, elas “são como montanhas: obras dos séculos”.

É inegável a riqueza dos recortes realizados pelo autor para contar suas histórias, principalmente a linguagem utilizada, que permite uma leitura bastante informativa e agradável a um público leigo, tanto em arquitetura quanto em ciências humanas. A opção de trata-las em separado é interessante, a princípio, porque podemos ter uma noção das relações, dramas e tramas específicos de cada uma. Contudo, como o livro não apresenta nem introdução nem considerações finais, e nem mesmo uma bibliografia, o leitor sente-se perdido, principalmente no final da leitura, quando não encontra um debate sobre algumas questões importantes, presentes no texto, que perpassam pela história de todas as catedrais.

DIVULGAÇÃO:

Diálogos - Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. N. 06. 2002

<http://www.uem.br/dialogos>

Artigos:

Brazil-United States Military Relations in the Early Post-World War II Era. Sonny B. Davis

Afinidades eletivas entre a União Democrática Nacional (UDN) e as Forças Armadas brasileiras. André Moysés Gaio

Ecos da emergência da Guerra Fria no Brasil (1947-1953). Sidnei J. Munhoz

Commentary for Dialogos. Frank D. McCann

Os exílios europeus no Século XX. Bruno Groppo

Reações fundamentalistas– Taliban e o terror conveniente Alexander Martins Vianna

Etnicidade e política indigenista: breve ensaio sobre suas manifestações no oeste do Paraná Sarah Iurkiv Gomes Tibes Ribeiro

Artifícios e Verdadeiros: leitores e práticas de leitura em Dom Quixote de la Mancha. Álvaro de Araújo Antunes.

O PC do B conta a sua história: tradição, memória e identidade política. Jean Rodrigues Sales

Prolegômenos sobre teoria na arqueologia. José Alberione dos Reis

